



## **CORPO, CULTURA E A IMAGEM DO NEGRO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.**

Nayara Blois- UEPA<sup>1</sup>

Vera Solange de Sousa- UEPA<sup>2</sup>

O estudo é resultado de uma pesquisa empírico coletada na disciplina Estágio Supervisionado o que nos possibilitou organizar levantamento bibliográfico para sistematizarmos uma pesquisa de campo que vem compor o nosso trabalho e conclusão de curso. A metodologia tem abordagem qualitativa. Tem por objetivos identificar e analisar a relação das questões étnico-raciais nas escolas, fazendo uma comparação na imagem de Negros da rede pública estadual e particular e como se dão as aulas de Educação Física de alunos do 6º ano em duas escolas localizadas em Belém do Pará.

**Palavras – chave: cultura, corpo, negro.**

The study is the result of an empirical research collected in the discipline Supervised which enabled us to organize bibliographic systematizing a field research that comes compose our work and course completion. The methodology is qualitative approach. It aims to identify and analyze the relationship of the issues ethno-racial schools, making a comparison in the image of blacks in public schools and private and how to turn their physical education classes to students in the 6th grade in two schools located in Belém Pará.

**Key - words: culture, body, black.**

---

<sup>1</sup> Aluna Graduanda do Sétimo Semestre do Curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade do Estado do Pará – CEDF UEPA.

<sup>2</sup> Profª. Ms. em Educação, Membro pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Docência Superior-NEDO, Docente do CEDF UEPA.





A cultura é caracterizada como uma forma de demonstrar a identidade de um determinado povo. Cada cultura pode ou não mudar, de acordo com os avanços da tecnologia. Cada cultura possui suas crenças, sua forma de vestir, falar, caminhar, amar..., expressar sua realidade de forma única (LARAIA, 2001). E independente disso, cabe a nós como seres racionais, a capacidade e o bom senso de respeitar e aceitar as diferenças. Porém, o saber respeitar o próximo é de grande complexidade para sujeitos que remetem sua cultura como dominante.

No século XVI, há exatos 512 anos, o Brasil foi colonizado pelos portugueses, onde os mesmos se diziam representantes da cultura branca européia, onde na realidade a mera semelhança cultural era por possuir homens e mulheres brancas. O povo lusitano era tido como um povo escravocrata, o qual acabou trazendo uma quantidade significativa de africanos em seus navios negreiros, para serem utilizados para o trabalho braçal nas lavouras de açúcar (FREYRE, 2003).

Tratados como animais irracionais, os negros eram trancafiados e mantidos nas senzalas em condições sub humanas. Muitos escravos, os quais não eram submissos a exploração, articulavam fugas em busca de liberdade, e assim, surgem os quilombos como forma de repressão a sociedade escravista. Nos quilombos, os negros cultivavam uma pequena agricultura atrelada a atividades artesanais, desenvolvidas com intuito de atender a demanda da própria comunidade. De acordo com a história, destacamos o quilombo dos Palmares, considerado o principal foco de resistência negra no período colonial.

Com uma forte presença no desenvolvimento histórico da sociedade brasileira, a escravidão africana nos deixou marcas profundas para a atualidade. Dentre outros problemas destacamos o um imenso processo de exclusão socioeconômica e, principalmente, a questão do preconceito racial. Infelizmente, as amarras do passado, ainda estão atreladas ao presente e ainda ecoam na constituição da sociedade brasileira.

Segundo dados do “Mapa da Violência 2012: A cor dos Homicídios”, divulgado em 29 de novembro, nos mostra uma verdadeira pandemia no crescimento na morte de jovens negros no Brasil. Fazendo uma comparação entre os anos de 2002 a 2010, passou de 69,6 para 72 o número de homicídio tendo como vítimas jovens negros, enquanto que entre os jovens





brancos passou de 40,6 para 23,3. Dentre os Estados do Norte, o Pará apresenta o maior índice de violência (WASELFSZ, 2012).

Outro fator que condiz a discriminação racial são os índices de oportunidades de emprego, onde apesar da grande maioria da População Economicamente Ativa (PEA) ser de negros, são eles os que mais sofrem com o desemprego. Dados divulgados pelo Sistema PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego – nas regiões metropolitanas de Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Salvador e São Paulo, vem mostrar que mesmo com a diminuição nas diferenças entre negros e brancos no mercado de trabalho, ainda assim, os negros sofrem com a desvalorização salarial e com uma jornada de trabalho superior. Fazendo uma análise raça/cor e sexo, segundo o PED, as mulheres apresentam as mais elevadas taxas de desemprego.

E por fim para ratificar a segregação étnico-racial analisamos os índices de pobreza mostrados pelo IBGE, que mostram cerca de 64% da população pobre no Brasil é formada por negros. Segundo pesquisa Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a renda média dos negros em 2000 (R\$ 162,75) correspondeu a menos da metade do que ganhavam os brancos em 1980 (R\$ 341,71). Tal impacto implica, diretamente, no perfil da pobreza no Brasil, onde 64,1% dos pobres são negros.

Nosso país convive com um grande entrave, o qual impede grande parte do desenvolvimento humano da população, o chamado racismo. Por isso, a necessidade de trabalharmos na escola tais questões, podendo assim, viabilizar e destacar as barreiras da desigualdade social.

A cultura do branco se faz muito presente no histórico do senso comum, onde ter o cabelo liso, lábios e nariz finos, é sinônimo de beleza. A mulher negra, no cenário atual, se faz presente no lugar onde apenas mulheres brancas tinham espaço (OLIVEIRA, 2006). Os negros no Brasil, mesmo que de maneira “discreta”, pela mídia, são relacionados à classe explorada pela sociedade, além da luta de classes. Nesse sentido é necessário compreender que a cultura do negro é colonizada pelo pensamento do branco, à medida que a negra deixa de lado o seu cabelo crespo para assumir características estereotipadas da mulher branca, na intenção de obter acesso livre em uma sociedade meramente racista e excludente





(OLIVEIRA, 2006).

No âmbito escolar, surge a necessidade de ampliar o diálogo com a cultura do negro, onde

a Lei nº 10.639/03 estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio; o Parecer do CNE/CP 03/2004 que aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras e Africanas; e a Resolução CNE/CP 01/2004, que detalha os direitos e as obrigações dos entes federados ante a implementação da lei compõem um conjunto de dispositivos legais considerados como indutores de uma política educacional voltada para a afirmação da diversidade cultural e da concretização de uma educação das relações étnico-raciais nas escolas, desencadeada a partir dos anos 2000. É nesse mesmo contexto que foi aprovado, em 2009, o Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2009).

Na Educação Física escolar, o conceito de cultura nos mostra a importância que se tem proporcionar ao sujeito obter novas experiências e vivências, onde as particularidades e semelhanças são construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social. Deste modo, é fundamental atentarmos para a cultura afro-brasileira como arcabouço teórico a ser ensinado nas aulas de educação física, como identidade, reconhecimento e valorização da cultura corporal (REIS; PEREIRA, 2011).

E, a partir de um breve apanhado histórico da sociedade brasileira, surgem algumas inquietações a respeito de questões étnico-raciais engajado, diretamente, nas aulas de Educação Física tais como: existe algum aspecto pedagógico dentro das práticas das aulas de Educação Física que debata a questão da opressão do Negro nas escolas? Será que existe uma preocupação nas aulas de Educação Física em valorizar o corpo, a cultura e a imagem do Negro? Será que, ainda hoje, existe preconceito étnico-racial entre as crianças e jovens no ambiente escolar? Quais as dificuldades que o aluno Negro enfrenta em sua vida escolar?

Baseando-nos em tais questionamentos, surge a necessidade de voltar este estudo para a região Metropolitana de Belém, tendo como objetivo geral analisar os elementos de opressões étnico-raciais vivenciadas por alunos Negros em uma escola estadual e um escola privada, nas aulas de Educação Física em Belém do Pará. No âmbito da pesquisa, temos como objetivos específicos: identificar quais os elementos de opressão étnico-racial nas





escolas supracitadas; analisar se há uma preocupação, por parte dos professores, em debater sobre questões étnico-raciais nas escolas supracitadas; e identificar como os professores lidam com os alunos a respeito das questões étnico-raciais nas aulas de Educação Física, nas escolas supracitadas.

O presente estudo se faz presente características qualitativas no sentido que a autora se envolve também com as questões da temática aqui abordada. Minayo (1993) nos dará grande contribuição teórica de acordo com a abordagem qualitativa dos dados, “onde a tarefa qualitativa como a procura de se atingir precisamente o conhecimento de um fenômeno histórico, isto é, significativo em sua singularidade” (MINAYO, 1993, p. 244).

As considerações preliminares é possível constatar que nossa área tematiza poucas questões étnico-raciais. Muito se fala sobre as manifestações culturais, mas pouco se fala das dificuldades que o estudante negro sofre durante sua vida acadêmica. No Pará, até o presente momento, carece de pesquisas ou relatos sobre as dificuldades elencadas pela discriminação racial.

## REFERÊNCIAS

ESTUDOS E PESQUISAS / Brancos no trono, negros no tronco. Revista Cidades, 6 ed.

Disponível em: <<http://www.revistacidades.com.br/site.do?idArtigoRevista=214>> . Acesso em 14 dez 2012.

FONCECA, A. H. L. Da abordagem fenomenológica existencial dialógica de Paulo Freire empírica, experimental, estética e poética. Sobre a abordagem de Paulo Freire. 2009. Disponível em: <<http://sobreaabordagemdepaulofreire.blogspot.com.br/>> . Acesso em 17 jan 2013.

FREYRE, G. Casa-grande & senzala. 48 ed. Recife: Global Editora, 2003.

IBGE. Indicadores Sociais Municipais 2010: incidência de pobreza é maior nos municípios de porte médio. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2019&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2019&id_pagina=1)> . Acesso em 14 dez 2012.

LARAIA, A. C. Cultura: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.





LEITÃO, T. Mapa da Violência 2012 mostra "pandemia" de mortes de jovens negros, diz professor. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/11/29/mapa-da-violencia-2012-mostra-pandemia-de-mortes-de-jovens-negros-diz-professor.htm>>. Acesso em 14 dez 2012.

MINAYO, M. C. S; Sanches, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Cad. Saúde Públ., 9 ed. n. 3, p. 239-262. Rio de Janeiro, jul/set, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>>. Acesso em 14 jan 2013.

MUNANGA, K. A questão da educação e a população afro-brasileira. Palestra proferida no Centro Universitário "Maria Antonia". São Paulo, nov, 1999.

NÓVOA. As vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, E. de. Mulher negra professorar universitária: trajetória, conflitos e identidade. Brasília: Líber Livro Editora, 2006.

PENIN, S. T. de S. Cotidiano e escola: a obra em construção. São Paulo: Cortez, 1989.

PNUD. Valores e Desenvolvimento Humano 2009 - 2010 / Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Brasília, 2010. Disponível em: <[http://www.pnud.org.br/HDR/arquivos/rdh\\_Brasil\\_2009\\_2010.pdf](http://www.pnud.org.br/HDR/arquivos/rdh_Brasil_2009_2010.pdf)>. Acesso em 14 dez 2012.

QUADROS, W. Gênero e raça na desigualdade social brasileira recente. Revista de Estudos Avançados. v. 18, n. 50, São Paulo, jan/abr 2004.

RECUERO, C. L. Fotografia: contraponto entre a narração da realidade e a sua compreensão. Revista F@ro: revista teórica del Departamento de Ciencias de la Comunicación. n. 3, Universidad de La Rioja. 2006. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2124026>>. Acesso em 18 jan 2013.

RIBEIRO, M. S. P. O romper do silêncio: história e memória na trajetória escolar e profissional dos docentes negros das universidades públicas de Estado de São Paulo. 2001. 187f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SANTOS. M. V. dos. O estudante negro na cultura estudantil e na Educação Física escolar. 2007. 240f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 22 de agosto de 2007.

TEIXEIRA, M. P. Negros na universidade: identidade e trajetória de ascensão social no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.





\_\_\_\_\_. Identidade racial e universidade pública do Rio de Janeiro. In: EDUCAÇÃO, racismo e anti-racismo. Salvador: Novos Toques, 2000. Publicação “A Cor da Bahia”. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, n.4. 2000.

TELLES, E. Racismo á brasileira: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, L. Sociedade - As dimensões da pobreza. Revista Desafios do Desenvolvimento – SBS. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com\\_content&view=article&id=1132:reportagens-materias&Itemid=39](http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1132:reportagens-materias&Itemid=39)>. Acesso em 14 dez 2012.

WAISELFISZ, J. J. Mapa da violência 2012: a cor dos homicídios no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPPIR/PR, 2012. Disponível em: <[http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012\\_cor.pdf](http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_cor.pdf) >. Acesso em 14 dez 2012.

